

ECOLOGIA, ECOLOGISMOS E LITERATURA

ANTÓNIO ALMEIDA
ORLANDO STRECHT-RIBEIRO
Escola Superior de Educação de Lisboa

A EMERGÊNCIA INTERDISCIPLINAR – POTENCIAR NOVAS FORMAS

A organização do currículo em todos os níveis de ensino após o 1º Ciclo tem-se regido por princípios orientadores que se traduzem pela fragmentação dos saberes, concretizada numa lógica disciplinar que se reflecte em retroacção na própria formação académica dos docentes, e que, para ser implementada, transporta para as escolas exigências de uma divisão de espaços, recursos e tempos. Consequentemente, as possibilidades de articulação horizontal são frequentemente dificultadas, mesmo quando os professores manifestam vontade de romper com as fronteiras disciplinares e com os múltiplos obstáculos de natureza estrutural que lhes são adjacentes. Mas, nos últimos anos, tem-se assistido à emergência da interdisciplinaridade, fruto em parte da constatação de que a fragmentação dos saberes conduziu à perda do sentido da unidade das diversas formas de conhecimento, em que, paradoxalmente, a especialização é uma espécie de proliferação cancerosa em que as disciplinas se multiplicam sem respeitar a regulação de conjunto (Gusdorf, 1986), que conduz a uma nova forma de ignorância, especialmente visível quando se procura compreender e actuar na resolução dos grandes problemas com que o mundo actualmente se debate. Também, como assinala pertinentemente Vaideanu (1987), a aprendizagem do tipo não formal é muito menos rígida e compartimentada do que a aprendizagem escolar. Por isso, importa salientar que, embora a questão se coloque na organização curricular do ensino formal, ela encerra algo de mais profundo: o

próprio sentido da presença do Homem no mundo (Gusdorf, 1986).

As relações interdisciplinares surgem, é certo, facilitadas entre disciplinas que, como acontece com as diferentes Ciências da Natureza, partilham um mesmo objecto de estudo ou uma metodologia similar que, no exemplo mencionado, se traduz nomeadamente por linguagem comum apropriada para formular problemas científicos, identidade de procedimentos de recolha e análise de dados, necessidade de aplicação correcta da lógica, recurso ao uso da teoria e de modelos, necessidade de verificação e, por último, necessidade de avaliação crítica (Ruthford, & Gardner, 1971, citados por Brown, 1977). Tal situação conduz com facilidade, ainda que não exclusivamente, àquilo que Heckhausen (1972) denomina de *interdisciplinaridade complementar*, dando origem a disciplinas integradoras como a bioquímica, a geofísica ou a psicobiologia.

Contudo, se é indiscutível que existem disciplinas que revelam maiores afinidades, para Pombo, Guimarães e Levy (1993) não é esta proximidade que determina o valor, o interesse e a riqueza dos resultados de uma abordagem interdisciplinar. Por vezes, quer o seu afastamento quer a aparente disparidade revelam-se mais fecundos e com maior valor educativo pelas pontes de ligação que entre elas se conseguem estabelecer, o que vem demonstrar que a distinção clara de domínios e saberes não implica necessariamente o seu isolamento. Tais abordagens são sempre muito mais desafiadoras para os professores envolvidos, uma vez que, por norma, a articulação entre áreas mais distantes acentua o seu carácter formativo, ao atenuar lacunas de

formação dos docentes em determinadas disciplinas, e revela-se também mais estimulante pela descoberta que potencia ao promover o encontro directo de identidades diferentes e ao colocar diversos universos em confronto. É neste nível que se situa a presente abordagem, que pretende articular a Ecologia (ciência natural que estuda as relações entre os seres vivos e o ambiente que os rodeia), os ecologismos (ideologias que traduzem perspectivas mais ou menos coerentes de encarar o mundo e que dão um particular destaque à importância do equilíbrio ecológico) e a literatura (no caso presente, a literatura portuguesa).

Desde sempre os nossos escritores têm sido profundamente influenciados pela paisagem (selvagem, rural ou urbana), pela diversidade biológica, pelos processos naturais, pela relação mais ou menos harmoniosa que a espécie humana tem estabelecido com a Natureza. Se é um facto que a paisagem ou as formas de vida não humanas se limitam a servir em muitos textos literários como cenário onde a intriga se desenrola, noutras situações constituem os elementos inspiradores, o foco, o centro das atenções, relegando o ser humano para um papel secundário ou mesmo inexistente.

O presente artigo teve por base uma experiência de formação de professores de português no estrangeiro realizada pelos autores em que a exploração de textos literários, criteriosamente seleccionados, e as estratégias de desenvolvimento lexical foram abordadas de uma forma não convencional, tendo como fio condutor a exploração de conceitos de Ecologia, e as perspectivas ideológicas nela inspiradas, numa articulação interdisciplinar inusitada. A teorização que a seguir se apresenta constituiu o ponto de partida para o enquadramento teórico que presidiu à selecção e lançamento das actividades de formação desenvolvidas ao longo da acção de formação.

A UTILIZAÇÃO TRADICIONAL DO MUNDO ANIMAL PELOS ESCRITORES

Um processo conhecido é o utilizado por alguns escritores quando recorrem a animais para a personificação de valores humanos, através dos quais por norma pretendem transmitir uma qualquer influência moralizadora, frequentemente guiadora de uma conduta alternativa à existente, ou uma crítica social e política.

Neste caso, os seres vivos não são, no entanto, escolhidos ao acaso. Tanto a sua morfologia como igualmente a sua etologia são inspiradoras da sua selecção em função da tónica da mensagem que os autores pretendem transmitir. António Pocinho, por exemplo, em *Quanto custa criar uma sardinha*, tece uma crítica feroz ao modelo de sociedade capitalista e, para tal, socorre-se de uma comunidade de seres marinhos. “O Peixe Aranha (aquele peixe em que, às

vezes, os humanos se picam) não é comestível e, portanto, não tem qualquer preço no mercado. Por causa disso, o Tamboril tinha-lhe um grande desprezo, maior ainda do que aos peixes mais baratos, como o Carapau” (p. 78). Mas, se a escolha do tamboril para tecer tais considerações pode não ser justificada por qualquer aspecto característico do nicho ecológico deste peixe (eventualmente apenas preferido por ser um peixe grande), o mesmo não se pode dizer de outras personagens. Assim, o temível e audaz tubarão é escolhido para comandar as forças armadas, enquanto o polvo, graças aos seus múltiplos tentáculos (braços que se desdobram em todo o tipo de tarefas), é o seleccionado para simbolizar aqueles que se dedicam ao trabalho manual.

Assim, é sem surpresa que constatamos que, de entre os amigos da *Menina do mar* (obra da autoria de Sophia de Mello Breyner Andresen), um caranguejo, um peixe e um polvo, é também este último quem “arruma a casa, alisa a areia, vai buscar a comida” (p. 18), uma vez que com tantos “braços” é de todos o que mais trabalha. Quando a menina do mar é afastada do rapazinho que a visitava na praia, o rápido e sociável golfinho é quem o transporta até ao novo local onde ela se encontra.

No *Romance da raposa*, em entrevista anexa à obra, é o próprio Aquilino Ribeiro quem afirma que nos seus livros para crianças as procura educar moral e socialmente, indo buscar assuntos à História Natural, racionalizando-os. Lembra desta forma que os seres não humanos não são seres morais, e portanto incapazes de imoralidades, mas apenas amorais. Por isso revela-nos que através da sua personagem, a raposa, torna-se possível admirar “as habilidades da nossa espécie para subsistir e impor-se na Natureza, que não tem simpatias especiais para nenhum dos seus seres” (p. 171). No entanto, a obra de Aquilino é bem mais complexa, e de uma riqueza susceptível de outras leituras que irão ser objecto de análise em outros pontos deste artigo.

Desta forma, e com a anterior ressalva, nas obras até agora citadas há necessariamente características dos seres vivos que serão apreendidas pelo leitor, mas esta dimensão não deixa de ser secundária, uma vez que elas se tendem a esbater face ao poder moralizante da mensagem. Pode-se sempre argumentar que depende da forma como o professor trabalhar o texto ou da interacção que a leitura provoca com a experiência e a formação prévias do leitor. Mas considera-se que, excepto em situações em que o mesmo se encontra desperto para fomentar análises mais centradas no conhecimento ecológico, o referido conhecimento dificilmente será mobilizado, o que é em parte compreensível face à importância da mensagem que em primeira instância urge interpretar.

Por isso, afirmar que a análise de textos do tipo dos

mencionados por norma conduz a uma conexão com o conhecimento e pensamento ecológicos pode ser abusivo. Pelo contrário, em algumas situações, as analogias utilizadas podem mesmo revelar-se perigosas em relação às concepções que transmitem de alguns seres vivos, acentuando ideias enraizadas na tradição popular, como o mau agoiro associado com os morcegos ou a matreirice e falsidade atribuídas à raposa. Estas deturpações servem, no fundo, de uma justificação para que seja reforçada a dimensão ecológica aquando da discussão desses textos.

Algumas vezes o simbolismo dos animais utilizados é perfeitamente inócuo em relação aos aspectos discutidos, não representando qualquer perigo de uma análise pejorativa dos mesmos. É disso exemplo o texto de Eça de Queiroz composto pela extraordinária carta do cão “D. José” à gata “Pussy”, onde lhe relata as suas impressões de França. “Pussy amiga: - Aproveito a ocasião em que o nosso amo foi à biblioteca, lugar de sabedoria e de solidão, onde eu não sou admitido, para te escrever o que penso desta terra de França, como te prometi ao deixar a Inglaterra, naquela manhã em que fazia um nevoeiro tão triste... Aqui não há nevoeiro - e é esta a primeira superioridade da França sobre a nossa pátria gloriosa e fusca” (pp. 73 e 74). E continua: “A primeira impressão que me deu a França, Pussy, foi de uma adorável variedade, proveniente talvez da democracia. Tomo, por exemplo, as fisionomias de cães. Em Inglaterra, nós estamos divididos em cinco ou seis raças isoladas uma das outras como castas na Índia, sem convivermos, sem nos cruzarmos, inconciliáveis, e quase hostis” (p. 74). Apesar da aparente referência à diversidade biológica, nem o leitor mais distraído deixa de compreender que o texto pode constituir um belíssimo pretexto para abordar a diversidade cultural, ainda para mais entre países que alguns têm tendência para incluir numa dita cultura una, a cultura ocidental.

A ABORDAGEM ECOLÓGICA NOS TEXTOS LITERÁRIOS

Importa centrar a discussão nos aspectos que são o objecto central do presente artigo, e que sugere, tal como foi referido, uma articulação efectiva entre o saber ecológico, as ideologias que nele se inspiram e a literatura, por meio de uma laboriosa tecedura em que as fronteiras por vezes se diluem.

Torga, na sua obra *Portugal*, refere-se à fotossíntese, processo biológico que possibilita às plantas o fabrico de matéria orgânica (traduzido em raízes, caules, folhas e frutos) a partir de matéria mineral na presença de luz solar. Fá-lo do seguinte modo: “No Setembro, os homens deixam as eiras da Terra-Fria e descem, em rogas, a escadaria

do lagar de xisto. Cantam, dançam e trabalham. Depois sobem. E daí a pouco há sol engarrafado a embebedar os quatro cantos do mundo” (p. 32). No mesmo livro, a mudança de ecossistemas em função da altitude é referida por Torga de forma única: “Tranquei as portas da memória e, pela margem do rio, subi aos Carris. Uma multidão minava as fragas à procura de volfrâmio, por conta da guerra e de quem a fazia. Teixos e carvalhos centenários acompanharam-me quase todo o caminho. Só desistiram quando me aproximei do cume da montanha, onde a vida, já sem raízes, tenta levantar voo” (pp. 24 e 25).

Os processos de sucessão ecológica, relativos a comunidades de seres vivos que se sucedem num determinado local porque as condições do meio se alteram, com o contributo indispensável dos próprios seres vivos que actuam sobre esse meio, servem de fonte inspiradora para quem assiste ao ressurgimento da vida após um incêndio, ou ao seu surgimento, aparentemente a partir do nada, em terrenos vulcânicos. Raul Brandão, em *As ilhas desconhecidas*, descreve assim a paisagem açoriana. “Aqui as pedras passaram todas pelo incêndio e assim clamam tisonadas e imóveis. Produto dum parto monstruoso, a ilha foi devorada a ponto de fundir. (...) Às vezes as pedras têm o feitio de vagas dum mar encapelado que petrificou em cinzento com espumas à tona. A urzela avança sempre, cobre tudo, montes, pedras, ferro, taludes de estrada, ficando tudo da mesma cor e na mesma uniformidade. É uma das coisas mais belas que conheço no mundo - a visão dum planeta onde seres e coisas foram comidos do pó, deixando vogar para sempre no éter o fantasma cinzento e mudo” (pp. 100 e 102).

É talvez na ilustração das relações bióticas, relações que se estabelecem entre seres de espécies diferentes ou da mesma espécie, que surgem as descrições mais curiosas acerca de diversas formas de vida. Aquilino Ribeiro, em *A casa grande de Romarigães*, descreve deste modo a relação ancestral de cooperação entre aves e plantas. “Também ali perto, por uma tarde fosca de Outubro, chegou um gaio, voejando de chaparro em chaparro, a grasnar mal-humorado como é próprio da sua raça. (...) Trazia no bico uma bolota, um pouco menor que o bolo que o corvo costumava levar à cova de Daniel, mas para ele mais importante. Dispunha-se a comer a merenda bem amargada, quando deu com os olhos no mariola do vizinho com quem bulhara uma Primavera inteira por causa da gaia, depois sua mulher. Já esse tal, rancoroso e mau, dava jeitos de querer investir, penas ríças, garras desembainhadas, a asa possuída de frenesim. Que remédio senão preparar-se para o receber condignamente! E deixou cair a glande. (...) Os dois gaios, depois de trocarem muitos gritos de cólera e darem a sua bicada, mas sem que corresse sangue, despe-

diram. O mais rela e pundonoroso pulou ao chão a procurar a sua rica bolota. Procurou, tornou a procurar pincharolando dum lado para outro e introduzindo por toda a parte, taladas e covinhas, o olho finório e matuto, mas nada descobriu. Soltou duas ou três vezes a sua voz ralhada a conjurar os deuses daquele desaforo, perdeu a paciência. E sa-raivando, batendo a asa, ainda meio atrida da rixa, lá foi para outro carvalho onde havia que pilhar” (p. 12). Ramalho Ortigão descreve em *As praias de Portugal — Guia do banhista e do viajante* aquela que talvez possamos considerar a mais intrigante relação de canibalismo no mundo natural: “A aranha, por exemplo, essa esposa execrável e indigna, no dia seguinte ao do noivado põe-se a olhar para o marido com um olhar doce, lascivo, cheio de falsidade e de traição; em seguida cai sobre ele de um salto, e, quando o pobre marido imagina que vai receber um beijo, ela (...) come-o inteiramente, literalmente, pelo estúpido prazer de o triturar, de o mastigar e de o digerir” (p.17).

Também em o *Romance da raposa* as relações bióticas se encontram referenciadas, com destaque para a herbivoria, predação e parasitismo. Nas muitas espécies presentes na intriga surgem os herbívoros, como os coelhos e as lebres, para além de várias espécies de gado doméstico e um grande número de predadores, como a fuinha, gineta, toirão, raposa, lobo, gato bravo e o bufo, que estabelecem uma intensa competição na procura das suas presas. É ainda referida a cooperação interesseira entre a raposa e o lobo, a qual, evidentemente, apenas pertence ao domínio da ficção. De forma fidedigna é também apresentado o regime alimentar da raposa que, para além das presas habituais, como coelhos e galinhas, não rejeita ovos de perdiz e até, em caso de escassez, ingere insectos, pequenos répteis e frutos. Importa assim saber destacar o rico contexto ecológico que inspira toda a história, diferenciando-o das “contaminações” de racionalidade que modificam, em algumas situações, a veracidade do contexto natural.

A diversidade é igualmente abordada por Ferreira de Castro, em *A selva*, embora nesta obra realista, inspirada em aspectos biográficos do autor, ela surja ficcionada de forma distinta à da obra de Aquilino. É descrita toda a multiplicidade de seres vegetais e animais e a vida animal parece, num olhar pouco profundo, aparentemente sair ganhadora. Destaca a eficaz acção predadora das formigas que atacam igualmente as plantações. “Chegavam, um dia, uma atrás da outra, em comboio sem fim, e plantação que vicejasse, que fosse mimo e esperança, em breve só ergueria para o céu os talos desnudados” (p. 185). Porém, não se pense que a vegetação não tem as suas defesas. “Algumas dessas formigas, tragando semente venenosa, morriam e secavam, de pernas para o ar, sob a luz equinocial. Mas nem aí tinha pausa a vida portentosa da selva. O grãozito

que assassinara, germinava dentro do cadáver e, um dia, uma pequenina liana brotava do insecto morto - primeiro húmus animal de novo triunfo vegetal” (p. 185).

Outra potencialidade que alguns textos literários encerram, do ponto de vista ecológico, é a de poderem contribuir para uma caracterização da modificação dos ecossistemas ao longo do tempo, a qual se torna particularmente mais intensa devido à acção humana. As descrições de como eram as paisagens, especialmente as de zonas actualmente densamente povoadas, permitem verificar o que se alterou, tanto do ponto de vista biótico como abiótico. Autores de romances históricos recorrem por norma a um enquadramento e base histórica reais e procuram, em simultâneo, não trair o contexto social e natural da época em que ocorre a intriga, apoiando-se, não raras vezes, em extensa bibliografia temática. É assim que João Aguiar, na obra ficcionada acerca da vida de Viriato *A voz dos deuses*, descreve a região geográfica de Lisboa, salientando quer actividades económicas há muito desaparecidas quer a presença de espécies que apenas encontramos na área actualmente em semi-cativeiro. “Em tempos recuados, quando os homens não conheciam o bronze nem o ferro e todas as armas eram feitas de pedra, os povos da foz do Tagus tinham escavado fundas galerias num vale onde o sílex abundava. Há ainda gente que faz o mesmo, porém não em Olisipo (...). As galerias foram abandonadas e passaram a servir de abrigo aos animais selvagens - ocasionalmente a viajantes como nós, que primeiro deviam certificar-se de que não iriam encontrar lobos ou javalis prontos a defenderem os seus domínios” (p. 213). Também em o *Romance da raposa* se fica a saber que, em tempos longínquos, não era o lobo que dominava naquelas paragens (nas Beiras) mas sim que a “dinastia reinante” era a do ursos. A toponímia ajuda-nos a reflectir acerca destas alterações. Assim, Serra de Ossa significa etimologicamente Serra da Ursa o que evidencia que naquelas paragens o urso já foi rei e senhor. Mas é em Saramago, em *Viagem a Portugal*, que encontramos a associação mais curiosa entre toponímia e paisagens outrora abundantes. Ele afirma: “Carvalhais não faltam em Portugal. Uns benfeitos, outros meãos, outros redondos, uns no singular, outros no plural, aí estão a lembrar que houve tempos em que abundavam na terra portuguesa os carvalhos, essas árvores magníficas a que ninguém pedia frutos e a que todos requeriam madeira. O carvalho para ser útil, tinha de morrer. Tanto o mataram, que o iam exterminando. Em alguns lugares não resta mais que o nome: o nome, como sabemos, é a última coisa a morrer” (p. 275).

Importa, por último, referenciar a existência de obras, como *O sapo Francisquinho* ou *A ilha dos pássaros doídos*, ambas da autoria de Clara Pinto Correia, onde a temá-

tica ecológica é de forma totalmente explícita e inspiradora da narrativa. Assuntos como a dinâmica das populações, a caracterização do nicho ecológico de diferentes espécies, a ecologia das ilhas, a extinção de espécies e as sucessões ecológicas surgem como o alicerce em que assenta toda a intriga.

A autora, no primeiro texto, elege um anfíbio como protagonista da história e possibilita-nos um conhecimento das diferentes etapas do seu ciclo de vida, dando igualmente a conhecer características do nicho ecológico de outros animais que partilham o mesmo biótopo. No segundo texto, a ave extinta, o pássaro dódó, encarna a vítima indefesa da arrogância e ignorância humanas, que não entende a falta de reacção (ou de medo) do pássaro que até à chegada do Homem à Ilha Maurícia não tinha predadores e, por isso, não fugia, antes permanecia, nos dizeres das gentes, com “cara de parvo”, na mira das espingardas dos caçadores. Também aqui se alerta para os impactos destruidores da espécie humana nos ecossistemas ao longo do tempo e se acentuam os desequilíbrios resultantes da destruição do coberto vegetal, extinção de espécies e introdução de novas com todas as consequências daí resultantes para o equilíbrio dos ecossistemas das ilhas, particularmente frágeis e sensíveis a qualquer perturbação.

ECOLOGISMOS E LITERATURA

Parece acentuar-se a ideia, tal como afirma Rolston III (1992), de que o conhecimento ecológico requer uma miscigenação, sem qualquer precedente, entre ciência e consciência, biologia e ética, que conduz à valorização da Natureza e endossa a rectidão da perspectiva sistémica. Todavia, se a Ecologia nos fundamenta a necessidade imperiosa do equilíbrio ecológico para a sobrevivência da nossa espécie, e da própria Biosfera, nada nos revela acerca dos caminhos que o potenciam. Importa assim diferenciar esta ciência dos impactos políticos e culturais que a sua compreensão desencadeia, os denominados ecologismos, ou principais perspectivas ambientalistas (Miller, 1998), tradicionalmente os seguintes:

Antropocentrismo — Considera que somos a espécie dominante do planeta e que nos cabe gerir os recursos que a Terra oferece, encarando as outras formas de vida em função do seu valor utilitário para a espécie humana. Reclama, no entanto, que se deve cuidar da Terra, uma vez que é essa a forma mais inteligente de assegurar a sobrevivência da Humanidade.

Biocentrismo — Nesta concepção, todas as formas de vida têm direito a existir, independentemente do valor que possam ter para a Humanidade. O

biocentrismo mais centrado nas espécies privilegia a biodiversidade em detrimento da procura da sobrevivência de todos os indivíduos quando surge uma qualquer ameaça à vida.

Ecocentrismo — Como os seres vivos não vivem independentemente do meio que os suporta, nesta perspectiva o essencial é a preservação do equilíbrio dos ecossistemas e da Ecosfera como um todo. Tal necessidade sobrepõe-se à sobrevivência de cada uma das espécies por si.

Se, como foi ilustrado, é possível a abordagem consistente de temas de Ecologia na literatura, esta revela-se igualmente um auxiliar ainda mais estimulante para fomentar a reflexão acerca da conduta da Humanidade em relação às outras formas de vida e aos próprios ecossistemas, ao mundo que recriámos, e ao mundo que queremos delegar às gerações vindouras.

Repare-se como os dois textos seguintes oferecem uma perspectiva díspar da intervenção do Homem no ambiente natural:

“O tempo pasmou e parou em Castelo de Bode. No que ontem foi um vale ameno das cercanias de Tomar, corre hoje o Zézere contrariado do seu fluxo original espraian-do-se em uma albufeira a que a barragem dá um sentido de que serve o Homem e não ofende. A natureza primitiva nisto alterada adaptou-se facilmente sem amuos e fundou uma nova paisagem e um novo passado que a muito custo percebemos artificial. (...) A intervenção do homem em nada afectou a vontade de Deus, antes emprestou-lhe um gesto mais, restaurou-lhe de tom mais vivo um pormenor” (Dórdio Guimarães – Retirado de Evangelista, 1999, p. 56).

“Quero referir-me a um rio arcaico, milenário, que me contava uma história, cheia de pavores e doçuras, quando me via sentado, num banco de pinho, ao fundo do meu quintal (...). Esse rio morreu. Deixou de ser rio para ser um lago artificial imenso, parado ou pasmado a meus pés, como cadáver que a mente dilatasse. O dinheiro dos homens, para se multiplicar, a troco de dar luz e energia ao mundo, pega no meu rio, que era bravo, e impetuoso como um toiro, e amansa-o em lago. Fez dele um boi no pasto ou uma choca no fim de uma toirada” (João Araújo Correia – Retirado de Evangelista, 1999, pp. 56 e 57).

Ao antropocentrismo reformador, aperfeiçoador, de Dórdio Guimarães, defensor de uma paisagem reconstruída, indiscutivelmente cultural embora só dificilmente reconhecida como tal, contrapõe-se o desencanto de João Araújo

Correia, que manifesta a mais profunda mágoa pela destruição da dinâmica natural do (seu) Rio Douro, adulterado para fins utilitários como a obtenção de energia.

Que pensar assim acerca da intervenção humana? Será que a cultura se tem de opor à Natureza? Perante os ganhos energéticos provenientes da “domesticação” das águas do Douro, quem consegue identificar e quantificar a dimensão das perdas?

É inegável que a espécie humana sofreu (e continua a sofrer), ao longo do seu processo evolutivo, as vicissitudes provocadas pelos elementos naturais. Não seria legítimo nem possível pretender que voltássemos à insegurança e receio quase totais dos nossos ancestrais. Pretende-se, sim, um Homem que, compreendendo o seu lugar na Biosfera, respeite a Natureza, porque se respeita a si próprio. No entanto, apesar de todo o aparente domínio dos seres humanos, a Natureza continua a desencadear neles os mais temíveis descontrolos nervosos. É isso que sente Alberto, perante os ofídios, em *A selva*, em relação à actualmente tão valorizada biodiversidade. “A abundância de serpentes constituía um dos terrores da selva que mais o perturbava. Existiam tantas, tantas, desde a longa surucucu esbranquiçada, à pequena cascavel de cauda sonante como um guizo, ambas de mordedura fatal, que Alberto não fixara ainda o nome de todas elas; e, ignorando as que ferravam sem perigo de vida e as que eram venenosas, a todas igualmente receava (...). Nos recessos da selva, Alberto tinha visto lianas que pareciam serpentes e serpentes que dir-se-iam lianas. Vegetal ou animal, tudo quanto, lá em cima, se enlaçava de galho para galho, num verde de limo escorregando, sugeria o mesmo visco, o mesmo mundo de veneno e pavor” (pp. 183 e 184).

Tal medo frequentemente desencadeia o encarar a Natureza como uma ameaça, um perigo que tem de ser conquistado, mas contribui igualmente para atenuar algumas imagens romantizadas de como encaramos alguns dos grandes ecossistemas terrestres. Todavia, o biocentrismo não se traduz numa qualquer associação ao terror que as outras espécies possam desencadear no ser humano e que lhe diminuiriam a arrogância antropocêntrica. Ele é, afinal, uma manifestação da consideração pelo direito ao florescimento das outras formas de vida.

Miguel Torga, mais uma vez ele, oferece-nos um dos mais belos documentos biocêntricos no seu livro *Os bichos*. Miura, o touro, admira-se, confunde-se, estonteia-se e desespera-se nervosamente com os gritos de uma multidão que o rodeia numa praça de touros e que não compreende. Anseia a morte e não a continuação daquele martírio, como única saída possível para a humilhação que lhe é imposta. Aquilo que, para alguns, pode ser entendido como uma forma de antropomorfização do touro, que incorpora

desejos e sentimentos (quase) humanos, é negado de forma categórica pela fisiologia comparativa, que evidencia, de forma clara, a semelhança, em termos de complexidade, do sistema nervoso dos mamíferos, e que acentua que estes animais, tal como os humanos, são seres sencientes e, por isso, capazes de sentir dor e prazer. Que melhor ponto de partida para uma discussão acerca do Homem, espécie superior, que parece incapaz de controlar a crueldade tanto para com os seus semelhantes como para com outras formas de vida.

Também Henrique Galvão nos conta a história de um leão, *Kurika* (que dá nome à obra), que, criado desde pequeno em cativeiro, descobre o seu instinto de predador numa galinha que se aventurou um dia a debicar a carne que lhe era oferecida. Quando fugiu do cercado, desprendido pela sua “amiga”, a macaca Paulina, enfrentou na savana múltiplas peripécias relacionadas quase invariavelmente com a falta de normas de comportamento decorrente de uma juventude passada sem a aprendizagem proporcionada pelo contacto com seres da sua espécie. Nunca conseguindo ser verdadeiramente como os seus pares, catalogado como bicho enfeitado pelos homens, *Kurika* recusa-se a voltar para a casa que o acolheu quando pequeno: “Se não fora a coleira e a corrente de ferro - quem sabe” (p. 231), que é o mesmo que dizer que a liberdade se sobrepõe nos animais selvagens a todas as possíveis carências e desencantos.

As potencialidades do *Romance da raposa* não se esgotam nas referidas abordagens de conceitos ecológicos que, de forma fidedigna, surgem na obra. Aquilino explica que se inspira no mundo natural, tal como foi referido, para construir as suas histórias, mas elas acabam por ser um prolongamento do que observa no comportamento animal. Por isso, afirma que nos animais o instinto é a origem e faculdade prima dos seus actos mas que tem constatado que há actos da vida animal que superam tal potência. Esta afirmação corresponde às ideias dos biocentristas, quando afirmam que o que nos separa dos outros animais não é o facto de determinadas capacidades que identificamos nos humanos se encontrarem neles ausentes mas sim uma questão de grau na manifestação dessas mesmas capacidades. Acaba também por nos fazer reflectir acerca do modo como a espécie humana se relaciona principalmente com outros mamíferos que simultaneamente são a classe de vertebrados mais próxima do homem em termos evolutivos. Na intriga de *Romance da raposa* surgem duas personagens movidas pelo desejo da liberdade: um urso, que foge da vida absurda do circo, e um potro que concretiza a fuga após ouvir que lhe iam deitar sela. Outra personagem, o lince, é apresentado como bicho raro “que de batido e perseguido, caçado e fuzilado, vai rareando nos bosques” (p. 45). E quan-

do a raposa matreira se dedica já na velhice ao ensino dos raposinhos fica-se a saber que entre os seus principais inimigos se destacam o inverno rigoroso, o bicho-homem e os cães. Os últimos, “são escravos do homem; o dono bate-lhes, e lambem a mão que os fere; o dono corre-os à pedra, e vão, humildes, no rasto dele” (p. 150). Singer (2000), conhecido activista contra a exploração dos animais para fins utilitários de forma reveladora de uma violência gratuita causadora dos maiores sofrimentos, não teria encontrado modo mais convincente para expressar tamanha falta de ingratidão.

Um olhar ecocêntrico surge na obra de Sebastião da Gama, em que a Serra da Arrábida é fonte de inspiração de muitos dos poemas de *Serra mãe*. Nele, vida e obra confundem-se. Desde os anos 40, Sebastião da Gama mostrou, no seu modo peculiar misto de preservacionismo estético e religioso (ele afirma, em *O segredo é amar*, “O mais difícil não é ir à Arrábida (...). Difícil, difícil é entendê-la”, p. 51), “que na defesa da natureza está também a defesa do nosso carácter e a identidade cultural do nosso povo” (Soromenho-Marques, 1998, p. 80). Os significativos cortes de vegetação que ocorreram como consequência da II Grande Guerra, motivados pela falta de carvão vegetal, foram por ele denunciados e impulsionaram a criação da Liga para a Protecção da Natureza.

Todavia, e talvez um pouco inesperadamente, é na obra *Viagem a Portugal* de José Saramago que encontramos um eloquente texto ecocêntrico acerca de um ecossistema muito especial: as grutas. Escreve ele:

“Tem que ver o desabafo (...) com estas grutas, onde a maravilha natural das formações calcárias, com todas as variações possíveis de estalactite e estalagmite a que tudo se reduz, é adulterada por iluminações muitas, e não pouco desvairadas cores, com música de fundo wagneriana, em sítio onde as Valquírias teriam grande dificuldade em meter os cavalos. E depois há os nomes com que foram baptizadas as diferentes cavernas, o Presépio, a Capela Imperfeita, O Bolo de Noiva, a Fonte das Lágrimas: horror dos horrores. Que queria o viajante? Uma só luz, a que melhor pudesse mostrar a pedra; nenhum som, salvo o natural das gotas de água caindo; nenhuma palavra, proibição absoluta de ocultar o que é sob o nome que não lhe pertence” (pp. 233-234).

Há, contudo, escritores que parecem acentuar a ideia de que as diferentes perspectivas ambientalistas de algum modo se podem aproximar, conduzindo a formas híbridas de valorização de aspectos que, de um ponto de vista teórico, se situam por vezes em campos extremados. Um pouco à imagem do transcendentalismo, em que a defesa da natu-

reza selvagem, valor primeiro do ecocentrismo, é associada à necessidade da sua vivência como uma forma de melhoramento espiritual, refúgio da vida moderna e local de vivência estética. Encarada desta forma, a preservação dos espaços naturais teria um valor instrumental para os seres humanos, embora este valor fosse distinto do económico, mas que para Norton (1991) não deixa de constituir uma forma de antropocentrismo. Nesta linha de pensamento seremos conduzidos a incluir Sebastião da Gama nesta perspectiva mista. “Vá sozinho, suba ao Convento, que é onde o espírito da Serra converge e como que ganha forma, leve se quiser os versos de Agostinho¹ e experimente como é fácil estar a sós com Deus” (*O segredo é amar*, p. 52).

EM SÍNTESE

Espera-se que os exemplos expressamente seleccionados para inserir neste artigo sejam funcionalmente demonstrativos das múltiplas potencialidades que se podem desenvolver a partir deste encontro inesperado entre ecologia, ecologismos e literatura, permitindo uma aproximação entre dois campos tradicionalmente antagónicos (pelo menos na construção curricular e nas representações sobre o saber): as ciências e as letras. Acentua-se, no entanto, que não se pretende substituir as abordagens disciplinares que se consideram legítimas mas antes possibilitar a sua coexistência com outras cujo interesse educativo parece inegável. Assim, considera-se que a presente proposta de articulação pode ser facilitadora da:

- *Possibilidade de um enriquecimento de saberes pelas interações disciplinares que provoca.* As lacunas mais acentuadas numa determinada área do saber podem mais facilmente ser ultrapassadas pela transferência de conhecimentos aplicados num outro contexto.
- *Emergência ao longo de todo o processo formativo de um estado de vigilância interdisciplinar.* Embora esta dinâmica ocorra, como já foi afirmado, naturalmente em contexto informal, o facto de se contemplarem abordagens interdisciplinares na educação formal acentua a referida tendência.
- *Diferenciação entre ecologia e ecologismo com o auxílio da literatura.* A diferença entre o conhecimento ecológico de natureza científica e os ecologismos, perspectivas ideológicas acerca do mundo, torna-se mais clara através da análise de diferentes textos com enfoques distintos.
- *Aproximação de forma biunívoca das linguagens científica e literária.* Não se pretende tornar híbridas duas formas de linguagem que têm características distintas, nem tão pouco reduzir o texto literário

a uma qualquer forma de cientismo. Mas, numa ocasião em que o positivismo é objecto das críticas mais demolidoras, salienta-se que o afastamento entre estas duas formas de linguagem não é tão extremo (embora significativamente distinto) como outrora se pensou. Bianchi (1999) afirma mesmo que, por influência cartesiana, conduzimos o nosso pensamento em sistematizações dualistas e opomos a cultura literária à científica quando uma incursão nas suas histórias nos revela, por detrás de antagonismos aparentes, a complementariedade dos seus discursos e mesmo o parentesco das suas evoluções.

- *Possibilidade de uma análise mais rica do texto literário, com forte entrosamento de conceitos, e potenciada em parte por um conjunto mais flexível de processos.* Esta utilização fará com que um texto anteriormente já conhecido seja enriquecido com uma análise orientada de forma distinta, possibilitando novas descobertas.
- *Cativação de públicos com formações diversas para a leitura do texto literário.* Tal como afirma Cadório (2001), a leitura analítica e crítica de forma a captar as relações lógicas existentes no texto não pode ser impeditiva do gosto e da fruição do mesmo. Acredita-se precisamente que na presente abordagem as técnicas de análise contribuem exactamente para possibilitar a referida fruição.
- *Projeção de um outro olhar sobre os escritores, pessoas com posições e valores que se reflectem nos textos que escrevem.* Numa apologia do leitor e das obras literárias, Régio (1960) caracteriza esta interacção como o grande diálogo com os grandes autores viajando com eles nos reinos da sensibilidade, da fantasia, da inteligência, da admiração e da estética. Nesta viagem, espera-se estimular a curiosidade para obras integrais, e mesmo para a obra integral de diferentes autores, uma vez que, tal como salienta Cadório (2001), muitas vezes fica-se reduzido ao estudo de pequenos excertos. Para que tal desejo aconteça no leitor, importa salientar que a selecção dos referidos excertos tem de ser criteriosa. É igualmente relevante constatar que muitos escritores portugueses, na construção dos seus textos, se têm apoiado no mundo natural e nos espaços onde Homem e Natureza interagem em equilíbrio. Revelam frequentemente uma atitude que permite inferir acerca do valor que atribuem ao mundo não humano, o que se torna um elemento facilitador da articulação apresentada.
- *Promoção de uma formação humanista sensível a valores de natureza estética, ética e científica.* O

leitor participa das representações do autor e discute-as, avalia a sua pertinência em função das suas concepções. Este processo reflexivo pode conduzir igualmente a mudanças no seu modo de ver o mundo, através de uma melhor compreensão de si mesmo. Pode envolver um processo de identificação com as ideias presentes no texto, mas pode igualmente ser motivado pela sua rejeição. Todo o processo conduz frequentemente a uma perspectiva universalista num sentido não apenas humanista mas também ecológico.

- *Ampliação das capacidades de pensar, uma vez que a exploração de múltiplas relações implica um aumento de complexidade das análises.* Talvez seja um pouco exagerada a posição de Vaideanu (1987) quando argumenta que um ensino compartimentado só dificilmente ultrapassa o nível de objectivos cognitivos específicos limitados, sendo incapaz de, por exemplo, promover a autonomia intelectual ou o respeito pelos valores espirituais. Todavia, defende-se que este tipo de abordagem os possibilita, já que as capacidades de conceptualização e de reflexão saem fortemente ampliadas.

A partir das ideias transmitidas considera-se que este encontro entre Ecologia, Ecologismos e Literatura pode abrir múltiplos caminhos à imaginação e à criatividade, potenciados pela compreensão científica e literária e alargando-a às dimensões ética e estética. Parece assim constituir a união desejável, facilitadora do auto-questionamento acerca do nosso papel neste planeta.

Atendendo a que somos seres culturais, capazes de empreendimentos como a ciência e a literatura, reveladores de capacidades únicas que nos diferenciam de qualquer outra forma de vida, talvez a procura da tão desejada unidade do conhecimento possa igualmente contribuir para a descoberta do sentido da nossa existência, onde o respeito pela Terra surgirá como um axioma necessário e fundamental e que por isso mesmo se tornará inquestionável.

Nota

¹ Sebastião da Gama refere-se a Frei Agostinho da Cruz, o frade-poeta arrábido do século XVI, que escreveu várias poesias tanto durante o período em que viveu no Convento da Serra de Sintra como no período posterior de recolhimento na Serra da Arrábida. A serra está presente em vários dos seus poemas. Como elemento orogénico encontra-se mais perto do Céu e por isso facilita a aproximação a Deus.

REFERÊNCIAS

- Aguiar, J. (1995). *A voz dos deuses* (15ª ed.). Porto: Edições Asa.
- Andresen, S. de M. B. (2000). *A menina do mar* (38ª ed.). Porto: Figueirinhas.
- Bianchi, F. (1999). La littérature, une emblématique de la transdisciplinarité. In *Actas do 1º Colóquio Mundial sobre a Transdisciplinaridade – Transdisciplinarity / Transdisciplinarité* (pp. 41-48). Lisboa: Hugin.
- Brandão, R. (2001). *As ilhas desconhecidas*. Lisboa: Frenesi.
- Brown, S. (1977). Disciplina e interdisciplinaridade. In Projecto Mathesis (Ed.). (1990), *Antologia I* (pp. 113-176). Lisboa: DEFCUL.
- Cadório, L. (2001). *Gosto pela leitura*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Castro, F. (1982). *A selva* (34ª ed.). Lisboa: Guimarães Editores.
- Correia, C. P. (1994). *A ilha dos passáros doidos*. Lisboa: Relógio d' Água.
- Correia, C. P. (1998). *O sapo Francisquinho*. Lisboa: Relógio d' Água.
- Evangelista, J. (1999). *Educação ambiental: Uma via de leitura e compreensão*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Galvão, H. (1976). *Kurika* (4ª ed.). Lisboa: Livraria Popular de Francisco Franco.
- Gama, S. (1995). *O segredo é amar* (4ª ed.). Lisboa: Edições Ática.
- Gusdorf, G. (1986). O conhecimento interdisciplinar. In Projecto Mathesis (Ed.). (1990), *Antologia I* (pp. 9-40). Lisboa: DEFCUL.
- Heckausen, H. (1972). Disciplina e interdisciplinaridade. In Projecto Mathesis (Ed.). (1990), *Antologia I* (pp. 71-86). Lisboa: DEFCUL.
- Miller, G. T. (1998). *Living in the environment* (10ª ed.). Belmont: Wadsworth Publishing Company.
- Norton, B. (1991). *Toward unity among environmentalists*. Oxford: Oxford University Press.
- Ortigão, R. (2001). *As praias de Portugal – Guia do banhista e do viajante*. Lisboa: Frenesi.
- Pocinho, A. (1999). *Quanto custa criar uma sardinha*. Lisboa: Fenda.
- Pombo, O., Guimarães, H., & Levy, T. (1993). *A interdisciplinaridade: Reflexão e prática*. Lisboa: Texto Editora.
- Queiroz, E. (2000). *Notas Contemporâneas*. Lisboa: Livros do Brasil.
- Régio, J. (1960). Vantagens de saber ler. *O Grito*, 5.
- Ribeiro, A. (1998). *Romance da raposa* (24ª ed.). Venda Nova: Bertrand Editora.
- Ribeiro, A. (2000). *A casa grande de Romarigães*. Venda Nova: Bertrand Editora.
- Rolston III, H. (1992). Challenges in environmental ethics. In D. E. Cooper & J. A. Palmer (Eds.), *The environment in question* (pp. 135-146). Londres: Routledge.
- Saramago, J. (1997). *Viagem a Portugal*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Singer, P. (2000). *Libertação animal*. Porto: Via Óptima.
- Soromenho-Marques, V. (1998). *O futuro frágil: Os desafios da crise global do ambiente*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Torga, M. (s. d.). *Os bichos* (8ª ed.). Coimbra: Gráfica de Coimbra.
- Torga, M. (1993). *Portugal* (6ª ed.). Coimbra: Gráfica de Coimbra.
- Vaideanu, G. (1987). A interdisciplinaridade no ensino: Esboço de síntese. In Projecto Mathesis (Ed.). (1992), *Antologia II* (pp. 19-39). Lisboa: DEFCUL.

ECOLOGIA, ECOLOGISMOS E LITERATURA

RESUMO

O conhecimento da literatura portuguesa permite constatar que muitos dos nossos escritores se inspiram no mundo natural e reflectem esse interesse, de múltiplas formas, na concepção das suas obras. Neste artigo exploram-se algumas potencialidades contidas nos textos literários (resultantes do aspecto mencionado), salientando-se como os mesmos permitem a familiarização com conceitos ecológicos e, igualmente, a discussão de diferentes perspectivas ambientalistas. Desta forma, a aproximação das linguagens científica e literária incentiva outras “leituras” de textos, muitos deles objecto de análise em contexto formal de aprendizagem em diferentes níveis de escolaridade.

Palavras-chave: Ecologia; Ecologismos; Interdisciplinaridade; Literatura portuguesa.

ECOLOGY, ECOLOGISMS AND LITERATURE

ABSTRACT

Many Portuguese writers were and still are inspired by the natural world and show its influence in different ways in their literary work. This article underlines the possibilities resulting from a close approach between natural science and literature as the comprehension of ecological concepts and the discussion of distinct environmental perspectives are concerned. The main result is another look at well-known works which are the object of analysis at different levels within the formal educational system.

Key-words: Ecology; Ecologisms; Interdisciplinary; Portuguese literature.

ÉCOLOGIE, ÉCOLOGISMES ET LITTÉRATURE

RÉSUMÉ

La connaissance de la Littérature Portugaise permet de constater que beaucoup de nos écrivains s'inspirent dans le monde naturel et expriment cet intérêt de multiples façons, dans la conception de leurs oeuvres. Dans cet article on exploite certaines possibilités existantes dans les textes littéraires (issues de l'aspect mentionné), tout en mettant en évidence la façon dont ces textes permettent une familiarisation avec des concepts écologiques et, aussi, une discussion sur différentes perspectives environnementales. De cette façon, le rapprochement des langages scientifique et littéraire, encourage d'autres "lectures" de textes, beaucoup d'entre eux object d'analyse en contexte formel d'apprentissage sur différents niveaux de scolarité.

Mots-clé: Écologie; Écologismes; Interdisciplinarité; Littérature Portugaise.